

# Democracia e Socialismo em Norberto Bobbio

---

José Estevão Machado  
Arcanjo(\*)

---

## RESUMO

O presente “paper” apresenta a concepção de Bobbio sobre a relação entre a democracia e o socialismo. Evidenciando a noção radical de democracia do mesmo e enfatizando o seu projeto liberal-socialista.

## ABSTRACT

The paper examines the agricultural policy of the military dictatorship in the *sertão*, the most populous area of Northeast Brazil, and shows its compatibility with the *regional development* plans of SUDENE. I discuss the process of agrarian *modernization*, settled on governmental subsidies, technological diffusion, repression and foreign *aid*. My conclusion is that capitalistic development brought serious consequences to society: the environment became more vulnerable and the usual sustenance resources of the semi-arid population were reduced.

**Palavras-chave:** Estado, desenvolvimento regional, semi-árido, modernização agrária

**Keywords:** State, regional development, semi-arid, agrarian modernisation

## I-LIBERALISMO E DEMOCRACIA

Norberto Bobbio - nascido em 1909, professor de filosofia e um dos militantes políticos mais influentes da história italiana recente, membro destacado da resistência contra o fascismo, preso político por duas vezes sob o regime de Mussolini, fundador do Partido da Ação, interlocutor privilegiado do Partido Comunista Italiano desde o início da década de 50, filiado ao Partido Unitário Socialista Italiano, Senador da República, dono de uma bibliografia de mais de 1.300 títulos publicados - é considerado um dos maiores pensadores vivos da atualidade. Ultimamente, tem sido um dos autores mais citados nos meios intelectuais, políticos e jornalísticos do Brasil. Da esquerda mais ilustrada à direita mais esclarecida - é o próprio autor que nos autoriza a tratar da política nestes termos - encontramos as mais diversas referências às suas obras, no intuito de justificar este ou aquele procedimento.

Duas razões, talvez, sejam fundamentais para explicar o interesse atualmente despertado por esta obra que já se mostra madura há pelo menos 40 anos.

Em primeiro lugar, Bobbio é continuador de uma tradição intelectual e política italiana que busca compatibilizar duas tradições comumente tidas como contraditórias: liberalismo e socialismo. A possibilidade de combinação destas duas tradições fundadoras de nossa contemporaneidade alimenta a esperança de que ainda seja possível, sintetizando liberalismo e socialismo, construir um mundo livre e justo.

Em segundo, se a recente crise da social-democracia e a derrocada do socialismo real no leste europeu provocaram decepções imensas, ao mesmo tempo implicaram a realização de severas críticas e autocríticas, às quais a contribuição de Bobbio tem sido fundamental. Apesar de tantos projetos frustrados ainda é possível esperar na possibilidade de um socialismo democrático. E Bobbio, a despeito de todas as críticas que lhe possam ser feitas, nunca abriu mão desse sonho.

A intenção deste ensaio é procurar discutir os fundamentos do projeto de Bobbio, assim como apontar suas debilidades e contradições.

Da correspondência trocada entre Norberto Bobbio e Perry Anderson, propiciada pela publicação, em 1988, de "As afinidades de Norberto Bobbio", de autoria do segundo, podemos extrair duas passagens extremamente significativas para o debate atual acerca da relação entre democracia e socialismo.

Reconhecendo a grandeza do interlocutor - "creio que nenhum dos que até agora se ocuparam de mim, sobretudo se se trata de estrangeiros, efetuou um esforço de compreensão da magnitude do seu" (BOBBIO e ANDERSON, 1994:97) - e a condição de socialista que lhes era comum, dirigiu-lhe Bobbio as seguintes palavras:

"Do ponto de vista ideológico creio que a principal razão de nossa discrepância é o meu inicial e nunca abandonado liberalismo, entendido, como eu o entendo, digo-o de uma vez por todas, como a teoria que sustenta que os direitos de liberdade são a condição necessária - ainda que não suficiente - de toda democracia possível, inclusive da socialista (no caso de que seja possível). Pode ser que esta idéia fixa dependa do fato de que pertenço a uma geração que chegou à política combatendo a ditadura e continua vivendo numa sociedade em que as tentações autoritárias não desaparecem de todo. O senhor poderá me objetar que mantendo-nos na democracia liberal jamais chegaremos ao socialismo. Eu replico, como sempre o fiz nestes anos aos comunistas, que tomando-se um atalho para chegar ao socialismo não se retornará jamais aos direitos de liberdade" (BOBBIO e ANDERSON, 1994:100).

Em resposta à carta acima, em dezembro daquele mesmo ano, retornou-lhe o historiador marxista:

"Na realidade sinto com relação ao ideal do liberal-socialismo mais simpatia do que o senhor imagina.

## Democracia e Sociedade em Norberto Bobbio

O fato de que até agora não se haja demonstrado como politicamente realizável no Ocidente não dá lugar, como assinalai na conclusão, a uma condenação definitiva. (...) Se o senhor estiver de acordo, poderia conceder-lhe que o liberal-socialismo constitui nosso objetivo comum, com a condição de que o senhor me conceda alcançá-lo através de um processo de traços não liberais” (BOBBIO e ANDERSON, 1994:103-104).

Toda a trajetória política e intelectual de Norberto Bobbio talvez se apresente na polêmica que as citações acima resumem. Por um lado, aí se encontra toda a sua determinação em dar continuidade ao projeto liberal-socialista que marcou a vida política da esquerda italiana desde o começo deste século, na busca de uma alternativa política liberal, democrática e socialista. Por outro, renova e atualiza o extenso debate que o filósofo italiano travou ao longo de toda a vida com os marxistas acerca da possível compatibilidade entre esses dois elementos, liberalismo e socialismo.

No debate entre o liberal-socialista italiano e o marxista inglês fica claro que ambos afirmam o socialismo como o objetivo a ser alcançado, a única maneira de propiciar a real emancipação humana. O problema que subsiste, entretanto, é saber o que eles entendem por socialismo e quais os caminhos a seguir para alcançá-lo.

Aqui começam as divergências. Os marxistas, tradicionalmente, preocuparam-se mais em defender uma idéia de sociedade sem classes; Bobbio pareceu sempre mais preocupado com a construção de meios para alcançá-la. A idéia de socialismo sempre foi cara aos primeiros, embora suas vias de acesso tenham muitas vezes se resumido exclusivamente à busca genérica de uma certa revolução social. Por outro lado, Bobbio quase nunca enfrentou o desafio de esclarecer qual sua idéia de socialismo. Esmerou-se em indicar o caminho do liberalismo e da democracia como a via possível para o socialismo.

Praticamente toda a obra política de Bobbio, marcada profundamente pelos desafios da história italiana, está dedicada a esta segunda questão, o caminho para o socialismo. Embora ele tenha deixado bem claro que discutir os meios já é de alguma forma discutir os fins,

foi aos primeiros que ele se dedicou. Afirma incessantemente que é preciso buscar os meios, as condições, o método suficiente para que se possa atingir o fim. E sempre reitera que o caminho para o socialismo não pode passar ao largo dos valores do liberalismo e da democracia.

Toda a tradição liberal-socialista italiana atribui papel de destaque ao liberalismo, entendido como doutrina política que advoga garantias constitucionais para o indivíduo e propicia as liberdades civis essenciais ao exercício da cidadania. Sem essa compreensão primeira do indivíduo e dos direitos civis todo o projeto da modernidade rui. Somente a partir destes valores pode a sociedade transformar-se.

Neste sentido, o liberalismo sempre foi visto como revolucionário na Itália, mesmo por aqueles que se assumiam como marxistas. Ou melhor, para estes o socialismo seria um estágio posterior, consequência do liberalismo. Em outras palavras, o liberalismo seria condição para o socialismo. Ao contrário de outros países, o liberalismo italiano foi sempre identificado com os movimentos de modernização do país, aliando-se do lado daqueles que defenderam a unificação e a formação de um Estado leigo independente da igreja católica. Daí a incorporação do liberalismo pelas diversas tradições libertárias deste século naquele país.

Por outro lado, é preciso deixar bem claro que Bobbio sempre entendeu o liberalismo puramente do ponto de vista das liberdades políticas (ou da exigência política de um estado constitucional). Na verdade, nunca nutriu grandes simpatias pela economia de livre-mercado, reconhecida, aliás, como razão de muitas desigualdades.

Essa compreensão tem raízes profundas. É inspirada no movimento liberal-socialista, fundado em 1937, por Guido Calogero e Aldo Capitini. Para estes, à liberdade política, que é irrecusável, deve-se somar a justiça social. Daí o valor e, ao mesmo tempo, a insuficiência do liberalismo. Em *Difesa del Liberal-socialismo* (1945) Calogero afirma que é necessário adjetivar a liberdade, concretizá-la. A liberdade política exige que não haja privilégios entre os atores que intervirão nas decisões comuns. Existe a necessidade, portanto, de juntar as aspirações liberais com as socialistas, articular liberdade democrática com justiça econômica. Nesse sentido, o liberal-socialismo seria o único modelo através do qual se poderia articular liberdade democrática e justiça econômica.

Soa bem a conclusão do Capítulo VII da citada obra de Calogero. Vale a leitura em italiano:

“Non è dato essere pienamente liberali senza essere insieme anche socialisti, non è dato essere adeguatamente socialisti senza essere insieme anche liberali. Il liberale ‘puro’ è in realtà solo il liberale a metà, come il socialista puro è il socialista insufficiente” (CALOGERO, 1945:65).

Tal herança, portanto, nunca permitiu a Bobbio confundir liberalismo com democracia, embora reconhecesse sua interdependência. Se o primeiro foi importante à segunda, isso não exclui o fato de que em larga medida os liberais tenham sido historicamente anti-democráticos - a redução das desigualdades sócio-econômicas e a ampliação do sufrágio universal, por exemplo, foram lutas travadas sempre contra os liberais. Bobbio não deixa dúvida: “nenhum dos primeiros propagadores do liberalismo pode ser arrolado entre os escritores democratas” (1986:121).

Já em 1975 escrevia o filósofo italiano:

“Antes de mais nada seria necessário começar a reconhecer que a relação entre democracia e socialismo não é uma relação tranquila, assim como não foi tranquila - mas já nos esquecemos e, assim agindo, fizemos mal - a relação entre democracia e liberalismo: hoje estamos habituados a usar a expressão liberal-democracia que até nos esquecemos que os liberais puros, desde o início do século, sempre consideraram a democracia (e, imaginem, a simples democracia formal), como uma estrada aberta em direção à perda de liberdade, à revolta das massas contra as elites, à vitória do homem-rebanho sobre os pastores dos povos, não diversamente de como os

democratas puros (os liberais democratas) consideram hoje, o socialismo. Não é uma relação tranquila porque a democracia é subversiva” (BOBBIO, 1983:64).

No entanto, foi o estado liberal quem forneceu as pré-condições necessárias ao funcionamento da democracia. Sem os direitos preliminares de liberdade e expressão não seria possível a democracia. “Disto segue que o estado liberal é o pressuposto não só histórico mas jurídico do estado democrático” (1986:20).

Somente a partir dessa plataforma filosófica liberal Bobbio afirma a democracia como o caminho mais seguro para o socialismo. Obviamente não mais a democracia liberal - limitada, negativa - mas a democracia social:

“A democracia social pretende ser, com respeito à democracia liberal, uma fase ulterior, na medida em que inscreveu na própria declaração dos direitos os direitos sociais, além dos direitos de liberdade; pretende ser, ao contrário, com respeito à democracia socialista, apenas uma primeira fase” (BOBBIO, 1994:84).

A defesa desse método - ou como gosta o autor, das regras do jogo democrático - ocupou incansavelmente o filósofo, desde 40 anos, em longo e profícuo debate que, enquanto socialista e homem da resistência italiana, travou com o Partido Comunista Italiano. Convicto de suas heranças liberal e socialista Bobbio sempre combateu o desprezo com que os comunistas tratavam a questão democrática. Como interlocutor autorizado insistiu fervorosamente para que o PCI reavaliasse o modelo da ditadura do proletariado, despertasse para o valor das conquistas da democracia liberal e procurasse incorporar na teoria política marxista uma reflexão acerca do Estado, do governo e da democracia.

Pode-se dizer que depois de 20 anos de “pregação” suas profecias foram cumpridas. Em 1973, o “Compromisso Histórico” (união estratégica do PCI com o Partido Democrata Cristão) e a conversão daquele partido às

## Democracia e Sociedade em Norberto Bobbio

idéias do eurocomunismo, em 1974, formaram a caixa de ressonância que levou para além da Itália o debate Bobbio-PCI. Datam deste período os importantes textos reunidos em *Qual Socialismo?*, obra na qual aparecem de forma mais sistemática as idéias aqui discutidas<sup>1</sup>.

O livro apresentava duas teses centrais, já anteriormente esboçadas por Bobbio: não existe uma teoria política marxista consistente, assim como inexiste uma alternativa socialista que possa dispensar a democracia representativa. As tentativas de construção do socialismo patinaram pela ausência de uma teoria política e por escolhas equivocadas de estratégias não democráticas. Ou melhor, a escolha de caminhos não democráticos poderia ser explicada pela fragilidade teórica dos marxistas. Pode-se dizer que a primeira tese é causa da segunda.

É fundamental notar que Bobbio resguarda as idéias de Marx acerca da questão do poder político - “válida para mim é a teoria geral do Estado como instrumento de domínio” (1983:17). Seu insuficiente desdobramento em teoria das instituições, do governo, os mesmo dos estados socialistas já existentes, foi o que as tornaram estéreis. Sua consequência é uma verdadeira cegueira teórica que não permite enxergar as virtudes do caminho democrático que, bem ou mal, se constitui na única via possível.

Todo o debate teórico com o marxismo foi dirigido por Bobbio para a fundamentação e a defesa da democracia em si, enquanto método geral de tomada de decisões coletivas, acessível a todos, homens e mulheres, patrões e empregados. Para ele o método democrático constitui-se em patrimônio e conquista histórica da modernidade, devendo ser garantido a todas as nações e gerações, independentemente das organizações econômicas particulares. A democracia é a única garantia possível contra toda e qualquer tirania, inclusive no socialismo.

Três razões específicas justificam a democracia. Em primeiro lugar, a democracia é desejável por uma questão ética, já que o homem só é realmente livre quando obedece não a outro homem, mas às leis elaboradas e vigiadas por todos, inclusive por ele

próprio. Depois, a democracia é desejável por uma razão política, já que é o único mecanismo capaz de limitar e controlar toda forma de poder. Enfim, por uma razão utilitária, a democracia é o melhor método pois respeita a vontade dos interessados e ninguém melhor do que os próprios para definir qual é a vontade coletiva.

Em seu funcionamento as regras democráticas supõem a obediência a quatro critérios básicos: sufrágio adulto, igual e universal; respeito aos direitos civis que garantem liberdade de expressão e organização; decisões tomadas exclusivamente pelo critério de maioria; e respeito aos direitos das minorias contra os excessos da maioria.

Verificadas as razões e obedecidas tais regras a democracia torna-se um jogo radicalmente subversivo. Ela inaugura uma forma de decisão política que incorpora a maior parte da população nas decisões coletivas, permite o controle do poder desde baixo e garante a possibilidade do dissenso por parte da minoria.

A democracia é o único método que respeita a liberdade dos indivíduos, coloca o Estado como soberano e acima das partes, e exige o governo das leis e não dos homens, a transparência do poder e o respeito às instituições<sup>2</sup>.

Daí em diante resta a Bobbio articular a democracia com seu objetivo socialista.

“A relação entre democracia e socialismo é configurada como uma relação entre meio e fim, onde democracia representa a parte do meio e o socialismo o fim. Como se afirmassem: o socialismo não pode e não deve ser atingido senão através da democracia. Ou então: a democracia é o único meio possível e lícito para se chegar a uma sociedade socialista” (BOBBIO, 1983:106).

Ora, se é assim, e se essas regras já estão dadas desde muito, por que ainda não amadureceram? Por que as democracias mais avançadas não se tornaram socialistas? Ao contrário, como reconhece o próprio autor, em alguns momentos parece que socialismo e democracia estão cada vez mais distantes.

<sup>1</sup> *Qual Socialismo?* se compõe de um conjunto de textos escritos entre 1973 e 1976, a maior parte deles publicada em *Mondoperaio*, jornal de debates do Partido Socialista Italiano.

<sup>2</sup> Cada um desses temas é tratado por Bobbio de forma detalhada em *O Futuro da Democracia* (1986).

Para Bobbio, o principal problema, “o de indicar a estrada a percorrer para se chegar ao socialismo através da democracia, está apenas começando” (1983:106). Ninguém parece ainda ter conseguido combinar satisfatoriamente os direitos de liberdade com a justiça social. Será que “ainda é muito cedo”, como diria Anderson, para atestar os resultados do liberal-socialismo?

## II- OS IMPASSES DA DEMOCRACIA

Do par de problemas que colocamos inicialmente Bobbio ocupou-se principalmente do segundo, a trajetória democrática para o socialismo. Talvez os inúmeros obstáculos que se apresentaram ao longo do percurso tenham desviado o autor do objetivo final, que seria a discussão da própria natureza do socialismo. Para o autor, não se pode cortar caminho por atalhos sedutores. A democracia tem problemas, enfrenta obstáculos, mas é o único caminho possível.

Para examinar os alcances e limites da proposta bobbiana podemos dividi-la em duas questões distintas e complementares: sua crítica às teses marxistas e suas análises concretas sobre os dilemas da democracia na atualidade.

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que as críticas sobre a fragilidade da teoria política marxista, derivadas, em sua maior parte, das análises de Marx acerca da Comuna de Paris, são extremamente pertinentes.

Atados a um projeto de sociedade que parecia muito próximo de sua realização, especialmente na Itália do pós-guerra, boa parte dos marxistas relegou a discussão acerca da conquista e da manutenção do poder. Muito preocupados com a classe que governaria (o quem governa), não foram capazes de estabelecer, ou pelo menos discutir, os procedimentos do como se governa. O depois da tomada do poder não foi pensado e se esperou uma certa geração natural de formas institucionais de governo que surgiriam imediatamente após a revolução socialista.

A razão desse desvio está na centralidade que foi dada à idéia do partido político (elemento de mobilização e tomada do poder) e não à idéia de governo, assim como no esvaziamento da esfera política. Ora, com a extinção do Estado e a transformação do governo em “administração das coisas” (um Estado puramente administrativo, digamos), necessariamente o social

estaria substituindo a esfera política, tornando as relações interpessoais idênticas às necessidades, à economia. Tal raciocínio supõe a superação da ideologia e a inauguração da cidadania total, super-consciente. Em última instância, supõe a superação da política.

Também é criticada a redução da política que permitiu aos marxistas a ilusão da substituição da democracia representativa pela democracia direta. Isso implicaria na participação de todos os indivíduos nas decisões coletivas, praticamente superpondo vida privada e interesses públicos.

Depois que boa parte dessas críticas foi sendo, paulatinamente, aceita pela maioria dos partidos de esquerda, Bobbio voltou-se para a justificação de sua proposta.

Continuando sua cruzada pela conversão dos marxistas à via democrática, desde cedo reconheceu o autor, com a honestidade intelectual que lhe é peculiar, as dificuldades que tinha pela frente. Afinal a democracia não estava conseguindo cumprir suas promessas, sobretudo em três direções: não estava aumentando a participação dos indivíduos nos processos de deliberação coletiva, não ampliava o controle das decisões de baixo para cima, nem garantia de forma geral o dissenso.

Ao contrário, em todas as experiências democráticas a liberdade de discordar continuava cada vez mais limitada e vigorava extensa apatia política ou “participação distorcida”. Os mecanismos de controle popular também foram aos poucos sendo substituídos por outros centros de poder, como as grandes empresas e a burocracia, instâncias que dificilmente se permitem o controle democrático.

Em 1984, todas estas críticas foram trabalhadas de forma mais sistemática no *O Futuro da Democracia* (1986), onde um certo tom pessimista envolve as análises de Bobbio acerca das promessas frustradas e dos obstáculos contemporâneos enfrentados pela democracia.

São seis as promessas não cumpridas pela democracia:

I. Um Estado democrático, sem corpos intermediários, onde os indivíduos fossem os sujeitos ativos da vida política, não foi possível. Ao contrário do que pensava Rousseau, diversos grupos (organizações, sindicatos, corporações, etc.) estabeleceram-se entre o povo e o Estado e assumiram a condição de sujeitos políticos mais importantes nas democracias modernas.

## Democracia e Sociedade em Norberto Bobbio

“Os grupos e não os indivíduos são os protagonistas da vida política numa sociedade democrática, na qual não existe mais um soberano, o povo ou a nação, composto por indivíduos que adquiriram o direito de participar direta ou indiretamente do governo, na qual não existe mais o povo como unidade ideal (ou mística), mas apenas o povo dividido de fato em grupos contrapostos e concorrentes, com a sua relativa autonomia diante do governo central (autonomia que os indivíduos singulares perderam ou só tiveram num modelo ideal de governo democrático sempre desmentido pelos fatos)” (BOBBIO, 1986:23).

2. A democracia moderna deveria se caracterizar pelo princípio da representação política, “na qual o representante, sendo chamado a perseguir os interesses da nação, não pode estar sujeito a um mandato vinculado” (1986:24). Esse princípio está corrompido e tem vigorado o mandato imperativo que visa interesses localizados e particulares.

3. A promessa de derrotar o poder oligárquico também não foi cumprida. A eliminação da tradicional distinção entre governantes e governados é negada constantemente pela presença exclusiva das elites que se sucedem no poder.

“(…) Joseph Schumpeter, acertou em cheio quando sustentou que a característica de um governo democrático não é a ausência de elites mas a presença de muitas elites em concorrência entre si para a conquista do voto popular” (BOBBIO, 1986:27).

4. A democracia não conseguiu ocupar todos os espaços de poder. As instâncias nas quais os indivíduos podem exercer seu direito de participação (escola, fábrica, escritório, igreja) na maioria das vezes estão longe do alcance das decisões democráticas.

5. A democracia nasceu com a promessa de eliminar radicalmente todo tipo de poder invisível e tornar transparentes todas as decisões de interesse público. No

entanto, a visibilidade do poder está cada vez mais opaca. O poder invisível, seja de máfias, serviços secretos ou burocracias, é cada vez mais presente. E como controlar os poderosos senão pela transparência do poder?

“Se não conseguir encontrar uma resposta adequada para esta pergunta, a democracia, como advento do governo visível, está perdida. Mais do que uma promessa não cumprida, estaríamos aqui diretamente diante de uma tendência contrária às premissas: a tendência não ao máximo controle do poder por parte dos cidadãos, mas ao máximo controle dos súditos por parte do poder” (BOBBIO, 1986:31).

6. Por fim, a democracia não cumpriu a promessa de educação constante para a democracia. Ao invés de uma educação política surgida do próprio exercício da prática democrática, o que se tem observado é uma crescente apatia política ou então o “voto di scambio”, que é dado em troca de benefícios particulares.

Poderiam ter sido cumpridas todas essas promessas? “Diria que não”, responde Bobbio, afinal elas foram idealizadas para sociedades muito menos complexas que as atuais. Três grandes obstáculos dificultaram sua realização:

a) A complexidade da sociedade moderna, exigindo cada vez mais soluções técnicas para os problemas políticos. Se quem decide são os portadores de conhecimentos específicos, está isolada, portanto, a possibilidade do cidadão comum participar de determinadas decisões que digam respeito à coletividade.

b) O contínuo crescimento do aparato burocrático, verticalizado e tecnificado. Paradoxalmente, à medida em que os Estados foram se tornando mais democráticos, também se tornaram mais burocráticos. Aliás, essa transformação do Estado em Estado de serviços ou Estado social foi fruto das próprias pressões democráticas advindas da sociedade.

c) Uma certa “ingovernabilidade” presente nas democracias advinda da sobrecarga de demandas que a sociedade civil põe sobre o sistema político e a crescente

incapacidade dos governos em atendê-las em sua totalidade. Isto implica na necessidade de atender apenas parte das solicitações, acarretando baixo rendimento do sistema político e descontentamento em diversos setores da sociedade.

Apesar de tantos obstáculos Bobbio ainda se mostra otimista com a trajetória da democracia. As frustrações não o impedem de enxergar uma certa tendência à expansão das liberdades democráticas em todo o mundo. Até porque nenhuma outra regra política poderia dar conta de todas as transformações recentemente ocorridas no sistema de poder, especialmente nascidas com os movimentos sociais, as lutas das minorias, os movimentos ecológico e feminista etc.

### III-DEMOCRACIA E SOCIALISMO

Cabe perguntar ainda pela viabilidade da proposta bobbianas. As promessas e os obstáculos são apenas falhas, lacunas, ou representam incompatibilidades e contradições que a democracia não pode resolver? Se a questão é a complexidade assumida pela sociedade contemporânea, por que as promessas também não se sofisticam para atender às novas exigências de um novo tempo?

Afinal, pode a democracia voltar a prometer a recuperação da autonomia do indivíduo, o aprofundamento do sistema de representatividade, a extensão das práticas democráticas às diversas organizações sociais e o atendimento a todas as demandas que lhe sobrecarregam? Estas são reivindicações que interessam, sem dúvida, ao socialismo. Mas se a democracia não cumpre suas promessas, como pode prometer aquilo que ainda há de vir, o socialismo?

É possível atestar que à medida em que o tempo passa vai crescendo um certo pessimismo ao longo da obra de Norberto Bobbio:

“Quem escreve pertence a uma geração que perdeu as grandes esperanças há mais de trinta anos, pouco tempo depois da libertação e do fim da Segunda Guerra, e que não as reencontrou mais a não ser em alguns poucos momentos isolados, tão raros quanto passageiros e no fim das contas pouco decisivos: um por década - a

derrota da lei da fraude (1953), o advento da centro-esquerda (1964), o grande salto do partido comunista (1975)” (BOBBIO, 1986:74).

No entanto, a esperança permanece, mesmo que as decepções sejam tantas:

“Quem tem atrás de si muitos anos de esperanças frustradas está mais resignado diante da própria impotência. Mais resignado porque, tendo vivido metade da própria vida (a idade da formação) sob o fascismo, continua obstinadamente a crer, como de resto a maior parte de seus coetâneos, que uma má democracia (e a italiana é inegavelmente má) é sempre preferível a uma boa ditadura (como ditadura, a mussoliniana foi certamente melhor que a hitleriana)” (BOBBIO, 1986:74).

O projeto de Bobbio aponta a estratégia que nos levaria à superação de tais dilemas. Um caminho, aliás, muito comum entre as esquerdas, embora raramente assumido: **é preciso assumir o reformismo como projeto político**. Um reformismo socialista, que acredita no mesmo tipo de sociedade que os revolucionários, porém construído por outras vias, apenas estrategicamente diverso. Os reformistas “sempre acreditaram que se podia alcançar a revolução como efeito sem recorrer à revolução como causa” (1987:13).

É preciso, porém, distinguir o reformismo socialista da onda reformista liberal que atingiu o mundo recentemente. Esta tem dominado o discurso mudancista, mas em sentido oposto, contra o Estado do Bem-Estar, a democracia e o socialismo. Na verdade, “para os neoliberais a democracia é ingovernável” (1986:126). Somente se podem dizer socialistas as reformas igualitárias que apontem para a ampliação das liberdades e o alargamento da participação democrática.

“Pois bem: o princípio da igualdade é o que serve para diferenciar a liberdade liberal da liberdade socialista, do socialismo

## Democracia e Sociedade em Norberto Bobbio

liberal, entendamo-nos, que é o que nos interessa (porque existe também um socialismo somente igualitário, mas não liberal). Em que sentido? Considero liberdade socialista por excelência aquela que, liberando, iguala, e iguala quando elimina uma discriminação; uma liberdade que não somente é compatível com a igualdade, mas que é condição dela” (BOBBIO, 1987:23).

Está claro, então, que caminhar através de reformas democráticas e igualitárias é fortalecer a via democrática e, portanto, retomar o caminho para o socialismo<sup>3</sup>.

As reformas também devem favorecer a extensão e o aprofundamento da democracia nas mais diversas instâncias da vida social (escola, trabalho, burocracia, vida doméstica etc.). O importante é expandir o onde se vota pois o quem vota está praticamente resolvido, pelo menos nas democracias mais avançadas onde o sufrágio universal já está plenamente estabelecido.

A própria crítica que se faz ao sistema representativo não deve ser dirigida à sua natureza mas ao seu precário funcionamento. O problema está no seu baixo nível de eficiência democrática.

Ultrapassar os impasses exige ainda a necessidade de superação dos verdadeiros mercados que se formaram nos parlamentos do mundo inteiro. Foram os mesmos transformados em locais de negociação de interesses particulares, seja entre os próprios partidos (“grande mercado”), seja entre os eleitores e os partidos (“pequeno mercado”).

A negação desses balcões de negócios poderia ser alcançada através do estabelecimento de um novo pacto social que tenha por princípio uma justiça distributiva, tenha condições de aliviar a sobrecarga de demandas que recai sobre o sistema político e seja compatível com a tradição teórica e prática do socialismo. Seria uma espécie de novo contrato social, como quer o autor:

“O neocontratualismo, isto é, a proposta de um novo pacto social, global e não parcial, de pacificação geral e de fundação de um novo ordenamento social, uma verdadeira ‘nova aliança’, nasce exatamente da constatação da debilidade crônica que dá provas o poder público nas sociedades econômicas e politicamente mais desenvolvidas, ou então - para usar uma palavra corrente - da crescente ingovernabilidade das sociedades complexas” (BOBBIO, 1986:148).

Um novo contrato social teria necessariamente que se constituir de forma internacional, promovendo a ordem e a justiça mundiais e formando o “governo democrático do mundo”.

Por fim, diante de tantas tarefas, como superar a apatia política? Ou, como diz o autor, como superar o refluxo político ocasionado pela “recusa à política” - sentimento particularmente presente na juventude atual - e transformar os indivíduos em “cidadãos ativos”?

É preciso ter alguns ideais, responde o filósofo. E o legado dos séculos nos proporcionou alguns dos mais nobres: a **tolerância**, a **não-violência**, o **ideal da renovação gradual da sociedade** (responsável pela revolução silenciosa promovida pelo debate das idéias e pelas mudanças de mentalidade) e a *fraternité* (afinal, o método democrático “pode tornar-se um costume sem o reconhecimento da irmandade que une todos os homens num destino comum?”) (1986:39/40).

## IV - QUAL SOCIALISMO?

Embora seja atualmente um dos maiores responsáveis pela revalorização da questão democrática entre os marxistas, no entanto, a proposta do liberal-socialismo de Bobbio parece ser insuficiente. Os caminhos apontados pelo autor não parecem ter condições de superar todas as dificuldades até aqui apontadas.

<sup>3</sup> É interessante observar que a defesa desse reformismo igualitário, hoje objeto do sucesso editorial *Direita e Esquerda - Razões e Significados de uma Distinção Política* (1995), já se encontrava com bastante clareza naquele texto de 1986.

Afinal, a democracia está se expandindo ou se retraindo? Para Perry Anderson aqui está a “antinomia não resolvida” de Norberto Bobbio: por vezes parece que a democracia está fatalmente destinada a uma contração de sua substância; por outras, parece receptiva à sua extensão.

Bobbio não enfrenta a questão. Tomando a ordem democrática como um dado em si, imperativo e inquestionável, ele não faz a leitura histórica dos elementos que a obstaculizam, não se permitindo enxergar para além dos limites da democracia liberal. Em última instância, ele passa a defender um comportamento ético baseado naqueles valores universais (tolerância, não-violência, sentido de renovação gradual da sociedade e fraternidade), obviamente insuficientes para explicar a crise da democracia representativa atual.

Contudo, Bobbio não se negou uma pergunta crucial: as mudanças estruturais podem de fato ser alcançadas pela via democrática ou nos momentos de crise suas regras se tornam inúteis?

Aqui vale à pena retornar a seu texto de 1976:

“Mesmo admitindo que a transformação total possa ser o resultado de uma série de reformas parciais: até que ponto o sistema estaria disposto a aceitá-las? Quem pode excluir a hipótese de que exista um limite de tolerância do sistema, de tal forma que o sistema se despedace somente para não se dobrar às exigências? E se aqueles que se sentem ameaçados nos seus interesses reagem com violência, o que fazer senão responder com a violência?” (BOBBIO, 1983:90).

No entanto, mesmo que na esfera da economia, tanto nos países capitalistas quanto nos países socialistas, exista uma certa “impossibilidade de controlar democraticamente” o poder econômico, essa é uma tarefa indispensável. Sem isso não se estabelece de pleno a democracia.

“(…) me parece mais que justa a suspeita de que o progressivo alargamento das bases democráticas encontraria uma

barreira insuperável - insuperável, claro, no âmbito do sistema – em frente aos portões da fábrica. E, no entanto, é exatamente neste terreno, no terreno do controle democrático do poder econômico, que se vence ou se perde a batalha pela democracia socialista” (BOBBIO, 1983:90).

É na discussão dessa possibilidade de controlar democraticamente o poder econômico que Bobbio nos transmite uma concepção abstrata do poder e da política, distanciando-os das condições históricas objetivas de cada pessoa, classe ou nação. Se foi válida sua crítica aos marxistas por reduzirem toda a política ao social, talvez seja válido afirmar o contrário: Bobbio subordina todo o social à política, não podendo existir contradições entre os dois termos. Daí sua concepção técnica e normativa da democracia, aos moldes mesmo de Calogero. A boa norma não garante necessariamente o alcance dos bons resultados. Se é preciso olhar o como se governa, mais ainda é necessário enxergar o quem domina e quem governa. Não é possível separar os dois momentos.

Quando trata de reformas estruturais o autor reconhece que o sistema pode não absorver determinadas demandas, o que possivelmente gerará violência. Mesmo assim ele insiste que é possível ultrapassar os portões da fábrica e conquistar o controle da economia pela via democrática.

Em suma, tratando da justiça quase impossível e da violência provável, Bobbio não se permite ultrapassar os limites das regras democráticas. As transformações estruturais podem ser alcançadas pelo poder de subversão da democracia.

Note-se que, afora alguns comentários rápidos, não se encontra em Bobbio nenhuma análise acerca do capitalismo enquanto sistema de produção e dominação. Tudo funciona como se as regras democráticas tivessem vida independente dele, embora suas raízes possam estar muito próximas.

Da mesma forma - e aqui retornamos à primeira questão colocada no início deste ensaio - não se encontra nenhuma apreciação mais clara sobre que tipo de socialismo quer Bobbio. Embora seja o título de uma de suas obras mais conhecidas, *Qual Socialismo?*, sua conclusão é frustrante. Muito genericamente ele aponta apenas para a necessidade de um socialismo democrático e para a construção de um homem novo.

## Democracia e Sociedade em Norberto Bobbio

Aqui a crítica de Perry Anderson é radical. Afinal, para Bobbio o socialismo aparece como uma organização econômica derivada e submissa às pressões e demandas democráticas. Neste sentido, o autor manifesta o desejo de um modelo de socialismo que “ênfatize o controle do poder econômico através de uma extensão das regras do jogo democrático para a fábrica, ou a firma em geral, mais que a transição de um modo de produção para outro” (ANDERSON, 1989:37).

Esta forma de compreender o socialismo - como um modelo de democracia econômica - não estabelece nenhuma grande diferenciação entre sua estrutura de poder e aquela que vigora no sistema capitalista. O exercício do poder continua sendo uma técnica, não importando muito quem o exerça, desde que seja exercido de forma democrática.

Por outro lado, não existe uma formação econômica própria do socialismo. Não importa a forma como está estruturada a distribuição da propriedade, desde que as decisões coletivas sejam endereçadas à busca de maior justiça e equidade.

No fundo, o liberal-socialismo de Bobbio não comporta as transformações radicais reclamadas pelo socialismo e pelos marxistas: em última instância, a superação do capitalismo. As estruturas econômicas e políticas vigentes podem ser todas mantidas.

Na polarização liberalismo-socialismo é clara a preferência de Bobbio pelo primeiro elemento. Se é justa sua inarredável posição em defesa da democracia, por outro lado seu normativismo acaba por esvaziar completamente a idéia de socialismo. Entre o quem governa e o como governa “não é possível haver dúvidas de que o segundo sempre foi mais importante que o primeiro” (1983:61). Ou, novamente, não importa qual a classe que domina, mas como domina.

É neste sentido que afirma Perry Anderson: o socialismo de Norberto Bobbio no máximo chegaria a uma “social-democracia moderada” (ANDERSON:34). Mas em tempos de “pensamento único” a proposta é considerável.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, P., *As Afinidades de Norberto Bobbio*, *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, Cebrap, n. 24, 1989, pp. 14 -41.
- BERLINGUER, E., *Internacionalismo na Autonomia*, in GARAUDY, R. e outros, *Opções da Esquerda*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972, pp. 115 - 142.
- BOBBIO, N., *Qual Socialismo?*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- \_\_\_\_\_, *La Crisis de la democracia y la lección de los clásicos*, in BOBBIO, N., PONTARA, G e VECA, S., *Crisis de la Democracia*, Barcelona, Editorial Ariel, 1985, pp. 5 - 25.
- \_\_\_\_\_, *O Futuro da Democracia - Uma Defesa das Regras do Jogo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- \_\_\_\_\_, *Reformismo, Socialismo e Igualdade*, *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, Cebrap, n. 19, 1987, pp. 12 - 25.
- \_\_\_\_\_, *Perfil Ideológico del Siglo XX en Italia*, México, Fondo de Cultura Económica, 1989.
- \_\_\_\_\_, *A Era dos Direitos*, Rio de Janeiro, Campus, 1992.
- \_\_\_\_\_, *Liberalismo e Democracia*, São Paulo, Brasiliense, 6a. edição, 1994.
- \_\_\_\_\_, *Direita e Esquerda - Razões e Significados de uma Distinção Política*, São Paulo, UNESP, 1995.
- BOBBIO, N. e ANDERSON, P., *Correspondência*, *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, Cebrap, n. 39, 1994, pp. 97 - 113.
- BOBBIO, N. e ROSETTI, G., *Ahora la Democracia Está Solo*, in ANDERSON, P., BOBBIO, N. e CERRONI, U., *Socialismo Liberalismo - Socialismo Liberal*, Caracas, Nubes y Tierra/ Nueva Sociedad, 1993, pp. 109 - 124.
- CALOGERO, G., *Difesa del Liberalsocialismo*, Roma, Atlantica, 1945.
- \_\_\_\_\_, *Le Regole Della Democrazia e le Ragioni del Socialismo*, Roma, Edizioni dell'Ateneo, 1968.
- CERRONI, U., “*Liberalismo e Socialismo*”, *Novos Rumos*, ano 5, n. 18/19, 1990.
- INGRAO, P., *Resposta a Bobbio: Democracia de Massa*, in INGRAO, P., *As Massas e o Poder*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- TOGLIATTI, P., *Socialismo e Democracia*, Rio de Janeiro, Edições Muro, 1980.